



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

JHERLLISON MONTEIRO CARVALHO DA COSTA

**FICÇÃO CIENTÍFICA COMO ARTICULADORA NA FORMAÇÃO DE LEITORES:
UMA ANÁLISE A PARTIR DA LITERATURA DE JULES VERNE**

ARAGUAÍNA – TO

2019

JHERLLISON MONTEIRO CARVALHO DA COSTA

**FICÇÃO CIENTÍFICA COMO ARTICULADORA NA FORMAÇÃO DE LEITORES:
UMA ANÁLISE A PARTIR DA LITERATURA DE JULES VERNE**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína para obtenção do título de Licenciado, sob orientação da Prof. (a) Dra. Maria Eleuda de Carvalho

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eleuda de Carvalho

ARAGUAÍNA – TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

CS371 Costa, Jherlison Monteiro Carvalho da.
LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA COMO ARTICULADORA NA
FORMAÇÃO DE LEITORES:: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
LITERATURA DE JULES VERNE . / Jherlison Monteiro Carvalho da Costa. –
Araguaina, TO, 2019.

40 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.

Orientadora : Maria Eleuda de Carvalho

1. Ficção científica. 2. Letramento. 3. Jules Verne. 4. Formação de Leitor. I.
Titulo

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

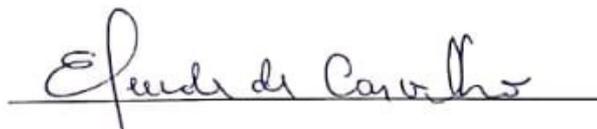
JHERLLISON MONTEIRO CARVALHO DA COSTA

FICÇÃO CIENTÍFICA COMO ARTICULADORA NA FORMAÇÃO DE LEITORES:
UMA ANÁLISE A PARTIR DA LITERATURA DE JULES VERNE

Monografia apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras foi avaliado para a obtenção do título de Licenciado em Letras e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 27 / 06 / 2019

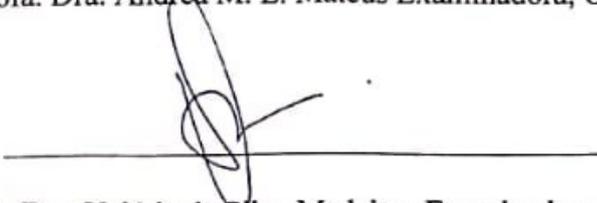
Banca examinadora:



Profª. Dra. Maria Eleuda de Carvalho Orientadora, UFT



Profª. Dra. Andrea M. L. Mateus Examinadora, UFT



Profª. Dra. Valéria da Silva Medeiros Examinadora, UFT

Aos 120 anos de *Viagens Extraordinárias* e em memória de Jules Gabriel Verne, um homem/artista à frente do seu tempo.

AGRADECIMENTOS

Deus – agradeço primeiramente a ti, por permitir que tudo isso aconteça, por ter me concedido o dom da vida e dado a mim energia, saúde e equilíbrio para chegar até esse momento, estando comigo nas madrugadas de estudos, nas horas que achei que não daria certo, no meu percurso traçado para a universidade, todos os dias me dando forças para seguir nessa estrada e pelas outras encruzilhadas que a vida reserva para mim.

Marlene Monteiro Carvalho – mãe obrigada, por me carregar durante nove meses, por me trazer a esse mundo, principalmente por me incentivar a dar o melhor de mim em tudo que eu for fazer, por dizer que eu sou capaz sim de transpor as barreiras e escrever por mim mesmo o meu destino, pelo apoio incondicional, pelo carinho e afetos, pela disposição do seu tempo para me ouvir questionar os resultados de trabalhos e atividades e por cuidar de mim e tudo.

Monica M. C. da Costa – vem à mente a palavra “Fechamento”, pois você foi mais que uma irmã, foi um porto seguro no qual eu pude e posso contar em todos os momentos de minha vida. Prometo que as suas manhãs serão mais tranquilas.

A orientadora – a professora Eleuda eu deixo o meu muito obrigado por me acolher nessa empreitada, mesmo estando muito sobrecarregada de orientandos, a competição por suas orientações é muito acirrada, mas vale muito apenas lutar. Agradeço imensuravelmente pela confiança no meu trabalho e pela abertura em topar se aventurar comigo desde o núcleo da terra às profundezas dos oceanos, enfrentando criaturas míticas e supostamente extintas.

A banca – agradecemos, pela disponibilidade, pelo aceite do convite, também pelo carinho com o qual fomos recebidos, sendo assim nos sentiremos honrados em tê-las na nossa banca. Logo, as convido a embarcarem nessa viagem conosco.

A minha avó e meu avô – Maria Amélia e Nicolau Gomes ficam os meus mais profundos agradecimentos, por se fazerem presentes desde o início de tudo, no constante incentivo na minha educação e por serem uns dos principais formadores do meu caráter e que sempre acreditaram no meu potencial, nunca negando uma palavra de incentivo.

Aos amigos – Andréia, Andressa, Anne, Débora, Edmaira, Felipe, Raquel, Thais Almeida, Thais Helena e a todos os outros que cativei ao longo de minha vida, companheiros de estrada e irmãos na amizade e que vão ficar presentes e marcados na minha vida com a mais convicta certeza.

Aos professores – agradeço a todos que passaram por minha vida em todos esses anos, por me proporcionar o conhecimento que vai além do mero ensino, por se dedicarem a

minha formação, fazendo-me realmente aprender. O substantivo Mestre é muito pouco, e nunca fará justiça aos professores aos quais deixo a minha eterna admiração e respeito.

Jules Verne – deixo os meus mais singelos agradecimentos, pelos momentos de fuga proporcionados por suas obras, pelo sonho, por me inspirara imaginar coisas mirabolantes, agradeço-lhe também pelas memórias construídas a partir das viagens que fiz aos lugares mais remotos da terra e fora dela, seja visitando o centro da terra, acompanhando o capitão Nemo no *Náutilus*, associando-me ao *Gun Club*, ou pelas possibilidades de viajar pelo mundo em um balão e pousar em lugares misteriosos.

“O artista é a antena da raça”

Ezra Pound

RESUMO

O presente trabalho trata o gênero literário Ficção Científica como pertinente à formação de jovens leitores por meio de um convite à aventura do conhecimento que o gênero pode proporcionar. O objetivo geral da pesquisa é demonstrar como essa literatura conduz o interesse à leitura em jovens alunos. Para isso analisaremos e discutiremos em cima dos livros *Viagem ao Centro da Terra* e *Vinte Mil Léguas Submarinas*, ambos de Jules Verne, obras estas categorizadas pelo mercado editorial como literatura infanto-juvenil. Com isso o autor pauta-se no constante desejo de revisitar as narrativas de ficção científica, expandindo assim os conhecimentos desse gênero literário que ganha cada vez mais força na sociedade moderna e também proporcionar às novas gerações a oportunidade de conhecer a literatura de Verne. A metodologia adotada emprega fundamentos da pesquisa qualitativa, sendo o método de cunho interpretativo e bibliográfico. Fundamentaremos esse trabalho a partir de autores como COSSON (2004); ROBERTS (2018) e SOARES (1998), que apresenta estudos, nas duas instâncias teóricas desse trabalho, para que possamos discutir o letramento literário e a ficção científica no contexto dos livros selecionados para análise. As observações feitas demonstram que as obras escolhidas não só formam leitores como também abrem espaços para outras formas de letramento.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção Científica; Letramento Literário; Jules Verne; Formação de leitor.

RÉSUMÉ

Le présent travail considère le genre littéraire Science Fiction comme étant pertinent pour la formation de jeunes lecteurs au moyen d'une invitation à l'aventure des connaissances que le genre peut fournir. L'objectif général de l'étude est de démontrer l'intérêt porté par la littérature à la lecture chez les jeunes étudiants. Pour cela, nous analyserons et discuterons au fil des livres *Voyage au centre de la Terre* et *à vingt mille lieues sous l'eau*, tous deux de Jules Verne, ouvrages classés par le marché de l'édition comme la littérature pour enfants. De cette manière, l'auteur est guidé par le désir constant de revisiter les récits de science-fiction, élargissant ainsi la connaissance de ce genre littéraire qui gagne de plus en plus de force dans la société moderne et donnant également aux nouvelles générations l'occasion de connaître la littérature de Verne. La méthodologie adoptée utilise les principes fondamentaux de la recherche qualitative, à savoir la méthode interprétative et bibliographique. Nous baserons ce travail sur des auteurs tels que COSSON (2004); ROBERTS (2018) et SOARES (1998), qui présente des études dans les deux instances théoriques de ce travail, afin que nous puissions discuter de littérature littéraire et de science-fiction dans le contexte des livres sélectionnés pour l'analyse. Les observations montrent que les œuvres choisies constituent non seulement des lecteurs, mais également des espaces ouverts à d'autres formes d'alphabetisation.

MOTS-CLÉS: Science fiction; Littérature littéraire; Jules Verne; Formation de lecteur.

LISTA DE SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América
FC	Ficção Científica
J.V.	Jules Verne
PCNs	Parâmetros Nacionais Curricular
<i>Sci-Fi</i>	<i>Science-Fiction</i>
S-F	<i>Science-Fiction</i>
SF	<i>Science-Fiction</i>
UE	Unidade Escolar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1- UM CORAL ARISCO	14
1.1 Breve imersão em um mundo desconhecido	14
1.2 Uma terra sem lei: a (in)definição da fc.....	19
1.3 <i>FRANKENSTEIN</i> de Mary Shelley.....	20
1.4 <i>As Pulps Magazine</i>	22
CAPÍTULO 2 – UMA NOTA ENTRE AS PÁGINAS	25
2.1 A breve história de um escritor visionário	25
2.2 Da França ao Brasil - Jules Verne em solo tupiniquim	29
CAPÍTULO 3 – A NOVA CIÊNCIA	32
3.1 O buraco de minhoca: ponte entre a fc de Verne e a formação de leitores.....	35
CAPITULO 4 - UM CONVITE À AVENTURA	38
4.1 <i>VIAGEM AO CENTRO DA TERRA</i>	38
4.2 <i>VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS</i> (FRAGMENTO)	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

O ser humano, desde os tempos primitivos, almeja alcançar os astros, colocar os pés na lua, explorar as profundezas dos oceanos, alcançarem o espaço aéreo, conhecer o universo em sua infinidade, e todas essas possibilidades que antes pareciam impossíveis à humanidade - que na maior parte desempenhava apenas o papel de observador – adentraram o imaginário cultural por meio da literatura, em específico a de ficção científica (FC).

Para melhor exemplificar a amplitude desse gênero peguemos o universo cinematográfico, uma vez que sabemos que muitos dos filmes têm como base a literatura, também sabemos que os cineastas bebem dessas narrativas há muito tempo. Com a FC não é diferente, curiosamente esse é o gênero mais vendido por esse tipo de indústria, o que demonstra o contínuo desejo do homem de tentar encontrar respostas para os fenômenos no que tange ao universo, isso mesmo em pleno século XXI.

Tendo como pano de fundo o cenário da *Science-Fiction* (*Sci-Fi*) é que essa monografia se desenvolve, centrando-se a partir das possibilidades de realizar os mais intrigantes desejos do homem, por meio da literatura. Ao mesmo tempo evidenciando as relações que esse gênero literário constrói com os leitores, expandindo assim o conceito do letramento literário e o possível conceito de FC. Esta relação será construída a partir da análise das obras *Vinte Mil Léguas Submarinas* e *Viagem ao Centro da Terra*, ambas do autor francês Jules Verne.

Também é objetivo dessa análise evidenciar como as obras em questão promovem a inserção de jovens no universo da literatura, contribuindo assim para a formação de indivíduos leitores e críticos, analisando também o papel que o professor e a escola desempenham como mediadores desse processo, uma vez que é na UE que “supostamente” se tem maior contato, por parte dos alunos, com os livros e a literatura.

Dessa forma, o gênero literário mencionado acima foi escolhido por nós para ser utilizado como ferramenta na inserção de indivíduos no universo da leitura literária, por acreditarmos no caráter amplamente rico e acessível dessa literatura ao público, assim como a possibilidade de integração e parceria com outras áreas do conhecimento que vão além da língua, o que seria possível graças às peculiaridades do gênero FC, que transcende o próprio texto literário, onde se poderia propor, porque não, o multiletramento.

A princípio, esse trabalho se justificava no imenso desejo de revisitar e discutir a genialidade por trás de Jules Gabriel Verne, um autor à frente de sua época, trazendo assim para a discussão a FC que há não muito tempo era marginalizada pela crítica. No entanto, esse

desejo evoluiu, e passou a querer demonstrar o quão ricas eram as possibilidades de se trabalhar com o gênero de ficção científica, buscando a partir dele, incitar e inspirar o desejo da leitura nos alunos.

A pesquisa inicia-se com um curto levantamento histórico dos que seriam os antecessores da ficção científica que conhecemos hoje, passando por filósofos, poetas e romancistas desde a Grécia antiga até chegar ao século XIX, com a autora Mary Shelley, que abala as suposições sobre a identidade do ser humano de forma persuasiva, com *Frankenstein* (1818), que é apontado pela crítica como o ponto de origem da FC. Ainda discutiremos as (in)definições que cercam esse gênero. Também passaremos pelas revistas *pulps* que modelaram e impulsionaram a S-F no século XX.

Apresentamos também uma breve biografia do sujeito que fomentou e inspirou os estudos discutidos nessa pesquisa, encerrando com uma análise dos livros que compõem o *corpus* dessa pesquisa, que dialoga com as ideias de Cosson quando propõe uma nova abordagem de leitura escolar a partir de uma Sequência Básica, que reinterpretemos ou reinventamos ao nosso modo, demonstrando como as obras podem inspirar e incitar o desejo pela leitura em jovens e adolescentes.

E por fim, com o terceiro capítulo, que recebeu o título de “A nova ciência”, onde discutiremos os estudos do letramento e letramento literário, que têm sido amplamente estudados nas últimas décadas, articulando saberes e evidenciando o papel do professor e da escola como mediadores e formadores não só da alfabetização, mas também da leitura, da leitura literária, da leitura crítica, formando assim cidadãos mais engajados e participativos. Com isso, aconselhamos apenas uma coisa:

“Em frente! Em frente!”

CAPÍTULO 1- UM CORAL ARISCO

Qual criança nunca imaginou cavar um buraco na terra e sair no outro lado do mundo, ou mesmo não quis ser um astronauta e lutar contra os aliens do espaço?

1.1 Breve imersão em um mundo desconhecido

Antes de investigarmos e apresentarmos os prelúdios que envolvem a historicidade da ficção científica, abriremos neste tópico um brevíssimo adendo para refletirmos sobre as mudanças que vem ocorrendo na literatura nas últimas décadas, desde o final do século XX. Sobre isso LAJOLO (2001, p. 10) aponta, em seu ensaio sobre a literatura, que a mesma vem mudando e ganhando uma nova cara, com novos adeptos, e por que não dizer ‘fãs’, deixando de ser monopolizada por poucas indústrias e escritores que controlam os mercados e a opinião pública. Ela afirma ainda que a literatura “de antigamente” continua sendo lida e apreciada, só não se encontra mais sozinha. “Está acompanhada e muito bem acompanhada! Ao lado dos romances esotéricos, da poesia de auto-ajuda, da ficção científica e do romance policial [...]”.

Ela continua, pontuando que desde o final do século XX os livros vem-se multiplicado vertiginosamente, sendo de todos os feitios, para todos os gostos e tipos de leitores.

Romances de amor para quem curte histórias cheias de beijos intermináveis e quentes, e romances sem amor para quem se amarra em histórias de tráfico, bandidagem e armamento pesado. Histórias com que se gargalha, e histórias com que se sorri de lado. A literatura fala de vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, onde, por exemplo, tem gente que morre de fome nas ruas, e de mundos muito diferentes, onde vivem espíritos, anjos, energias e demônios. A literatura hoje traz para o nosso lado mundos prometidos pela ciência, com seres artificiais sofisticados e com seres naturais manipulados em laboratório. (LAJOLO, 2001. p. 9)

E são essas literaturas, que antes eram marginalizadas (e que ainda são), que passam a ganhar força e representatividade dentro da sociedade atual, cativando um grande público que se autodenomina “fã”, e que além de consumir tais literaturas passa a reinterpretá-la e reescrevê-la ao seu modo em portais virtuais, como é o caso das *fanfic’s*.¹

Desse modo observamos que as narrativas de ficção científica (o motivo da nossa pesquisa) vêm cada vez mais ganhando força dentro da cultura mundial desde o século XIX, ocupando assim os espaços mais variados como: os filmes, os livros, as revistas em quadrinhos, etc. No entanto o termo ficção científica que vem da tradução do inglês *science-fiction* é mencionado pela primeira vez em julho de 1929, mas antes do termo ser o que conhecemos hoje, o editor Hugo Gernsbeck o chama de *cientificação*, numa nota na revista

¹ Mirian H. Y. Zappone (2008) designa as *fanfics* como “produções narrativas veiculadas por sites que publicam contos, romances ou histórias em quadrinhos que exploram um certo gênero ou uma certa personagem. Há, também, blogs que se dedicam a desenvolver histórias paralelas para personagens originais cujas trajetórias de vida são discutidas em fóruns e emails entre os interessados.” p. 32

Amazing Stories, na qual dizia “Por *scientifiction* (cientificação), eu falo sobre aquele tipo de romance de Jules Verne, H. G. Wells e Edgar Allan Poe², um romance charmoso, entrelaçado com fatos científicos e visões proféticas.”³

Mesmo que a FC tenha ganho visibilidade somente no século XX, muitas outras obras já dialogavam com alguns elementos que hoje são comuns ao gênero. A essas obras alguns autores como CLUTE (1995) e ROBERTS (2018) atribuem a classificação de proto-fc⁴, na qual o primeiro diz que “a Proto FC tem de incorporar um sentido [em] que as maravilhas que ela descreve podem ser questionadas, se necessário por exemplos e analogias do mundo existente”. Entretanto há críticos que não consideram que houve ficção científica antes do século XIX, uma vez que foi só no século XIX que as ciências como compreendemos hoje obtiveram curso cultural generalizado.

Traçando aqui o que seriam os prelúdios da ficção científica, nos voltamos aos grandes nomes do passado, assim chegamos primeiro à Grécia antiga com o filósofo Plutarco (45 a 125 a.C.), de onde temos uma possível representatividade do que posteriormente seria a ficção científica, com *De Facie in Orbe Lunare* [Na superfície do disco lunar], na qual ele descreve uma viagem espacial até a lua, encontrando demônios que eram os habitantes da lua, que desciam à terra, descreve também o que seria a lua e quais suas características.

Outro autor que embarca em uma alucinante viagem até os astros é Luciano de Samósata (120 a 190 a.C.). Com duas narrativas, a primeira intitulada de *Icaromenipo*,⁵ narra o diálogo de Menipo com um amigo, no qual o primeiro, cansado da inconstância dos sobre a verdade das coisas, e para isso usa de duas asas de pássaros que amarra aos braços, para chegar aos céus, primeiro ele vai à lua de onde tinha uma visão geral da terra, depois passa pelo sol até chegar ao céu para consultar Zeus. A segunda narrativa é *Vera Historia* [História Verdadeira], a história envolve uma jornada marítima cheia de desafios, e num desses percalços o navio e a tripulação são levados aos céus por enorme redemoinho. ROBERTS cita um pequeno trecho que demonstra como ocorreu o episódio:

Enquanto nossa embarcação estava pendurada no céu, o vento inflou suas velas e a impeliu para a frente. Durante sete dias e noites navegamos pelo ares, no oitavo dia, avistamos, como uma ilha, um grande país no céu, brilhante, circular, irradiando luz (Luciano apud ROBERTS, 2018, p.73).

² Abrimos uma ressalva, na fala de Gernsback que aponta que o autor Edgar Allan Poe escrevera romance, o que é um equívoco, pois o autor citada não escreveu um romance, o mais próximo disso foi um poema em prosa intitulado Cosmogônico.

³Hugo Gernsback, “A New Sort of Magazine”, *Amazing Stories*, Vol. 1, No. 1 (April, 1929), p.3.

⁴CLUTE, John. *Science Fiction: The Illustrated Encyclopedia*. London: Dorling Kindersley, 1995

⁵ROBERTS (2018) faz referência ao título ligando o mito grego de Ícaro ao modo como o personagem se utiliza para alçar vôo ao encontro de Zeus, Nas suas palavras, “à maneira do mito de Ikaros, ou Ícaro; daí o nome”. p. 73

O círculo que irradiava luz é claramente uma alegoria para expressar a lua. Agora aportados nessa “ilha celeste”, os tripulantes são presos por soldados e levados até o rei lunar que se encontrava em guerra com o povo do sol, em ambos os reinos, se utilizava de montarias peculiares como, por exemplo, cavalos abutres, aves vegetais e pulgas arqueiras para citar algumas. Voltando à terra os tripulantes junto com a embarcação são devorados por uma baleia, na qual passam dois anos dentro da barriga, visitam uma ilha de onde o leite flui como água, passam uma temporada na ilha dos sonhos, encontram com mortos famosos na ilha dos Bem – Aventurados.

Enfim, sobre esses dois textos de Samósata pode-se observar que são obras bastante intertextuais, repleta de citações, alusões e paródias de uma grande gama de outras, passando por Homero até a Bíblia (ROBERTS, 2018, p.74). No entanto o que nos interessa dessas obras para a ficção científica são as descrições que Luciano faz do ambiente que está fora do plano conhecido, num cosmo inumano apresentado de certa forma como um espaço acolhedor. Segundo ROBERTS (2018): “A FC antiga, em outras palavras, não é uma linguagem definida ou pura; situa-se, de um lado, entre a especulação científica e as *voyages imaginaires*, e, de outro, entre estas e a fábula concebida em termos religiosos.” p. 76

Já no século XVI podemos citar o romance épico *Orlando Furioso* (1532), escrito pelo poeta italiano Ludovico Ariosto, o qual é mais um exemplo de viagem à lua, onde somos apresentados ao personagem conhecido como Astolfo, um cavaleiro inglês, que monta em um hipogrifo e vai até a lua encontrar o juízo de Orlando, o maior guerreiro da França. Acompanhado de João, o Evangelista, Astolfo voa ao satélite da terra, pois acredita que é para lá que vão todas as coisas perdidas na terra, como o juízo de Orlando.

Outro autor que conhecemos em 1634 é o matemático e astrônomo Johannes Kepler (1571), com a obra *Somnium, sive Astronomia Lunaris* [Um Sonho, ou Astronomia Lunar] que põe em prática as descobertas e avanços das ciências da sua época. ROBERTS (2018) descreve a obra de Kepler como:

Uma breve narrativa de uma viagem à Lua e das condições que lá existem é seguida por uma série de detalhadas notas científicas e explicativas. O livro utiliza um conjunto de narrativas encaixadas umas nas outras. O quadro geral é relatado por um narrador anônimo que nos conta que, certa noite, tendo observado as estrelas e a Lua, adormeceu e teve um sonho. No sonho ele está lendo outro livro: a história da vida de Duracotus, um homem nascido na Islândia [...]. (ROBERTS, 2018, p. 105)

A narrativa foi publicada por seu filho, Ludwig Kepler, somente em 1638. A história nos descreve um lugar chamado Levania, que é habitada por um demônio, que conduz uma mãe e seu filho por esse lugar, que seria a nossa Lua, explicando como é viver no espaço

lunar e como ele observa as diferentes percepções dos tamanhos dos astros, durante a explicação a criatura fala com uma apurada profundidade científica, principalmente no que compete às descrições dos planetas.

Quatro anos mais tarde, em 1638, foi publicada postumamente a obra *Man in the Moon* do britânico Francis Godwin, na qual o Gonzalez vai à lua numa carruagem puxada por cisnes e se depara com uma “sociedade” de grandes valores morais, sendo que os que não possuíssem essa característica eram mandados a Terra. Apesar do modo como o personagem da história chega à Lua ser pura fantasia, a temática principal da mesma é a vida fora da terra, abrindo espaço para as possíveis discussões sobre vida inteligente fora da Terra.

Inspirado pela obra de Godwin, o francês Cyrano de Bergerac (1620-1655) com suas histórias de *Voyages aux Etats et Empires de la Lune e du Soleil* [Viagens aos Impérios da Lua e do Sol], editada em 1657, nas quais mistura hipóteses científicas audaciosas como a criação do paraquedas, do ar quente, dos foguetes, de mundos idênticos ao nosso, temas também explorados por H. G. Wells, na sua época. Antecipam de certa forma muitos inventos que apareceriam posteriormente, mas que já estavam no imaginário.

Até aqui podemos perceber o fascínio do homem pelos segredos do cosmos, o que revela o intenso desejo de ultrapassar as barreiras da nossa órbita. Com isso esses autores e muitos outros foram os primeiros a discutirem alguns dos temas recorrentes no que virá aparecer na ficção científica posteriormente - mesmo com as obras repletas de elementos fantásticos - abrindo assim uma fresta, que posteriormente tornar-se-ia em um enorme buraco por onde os grandes autores do gênero hoje alcançaram o máximo da ideia, possibilitando aos autores modernos comporem histórias que inquietam até as mentes mais exigentes.

Mesmo se olharmos para trás e evocarmos esses grandes autores do passado, cujas obras flertam com algumas nuances e pressupostos da ficção científica, a maioria dos estudiosos e críticos da FC, podemos citar Brian Aldiss (1973)⁶, sugere que S-F surge em meados do século XIX, tendo como precursora a obra *Frankenstein ou O Prometeu Moderno* de Mary Shelley, publicada pela primeira vez em 1816. Sendo que esse livro é considerado o primeiro exemplar moderno do gênero, no qual a autora desenvolve sua narrativa a partir de um método científico claro – para a ciência em voga na época – mesmo que ficcional.

Posterior a Shelley, temos Edgard Allan Poe que também contribui para o gênero de *Sci-Fi* com os contos “Diálogo Entre Eiros e Charmion” e “Breve Palestra Com Uma Múmia”. Segundo CARNEIRO (1967), “Poe, que também é considerado o ‘inventor’ do

⁶ ALDISS, Brian. *A Billion Year Spree: The History of Science Fiction*, 1973.

romance policial, escreveu histórias sobre viagens em balão, completa novidade em sua época, tendo exercido grande influência em Júlio Verne.” (p. 33). Depois o gênero cresceu até passar por Conan Doyle, Carel Capek, Anatole France, Gaston Leroux, embora sejam autores desconsiderados como de FC por alguns historiadores da literatura, eles formam os antepassados de Verne e Wells.

É a partir da *The Age of Wonder* que a ficção científica passa a ter um reconhecimento, mas é com o francês Júlio Verne e com o inglês H. G. Wells que a FC começa a ser moldada e consolidada como um gênero literário específico, onde compartilha uma sequência de obras com características e estruturas comuns, assim como aponta Adam Roberts, que complementa “[...] seus principais trabalhos de FC consolidaram a crescente abrangência cultural da FC como formato.” (ROBERTS, 2018, p.261)

A partir deles a ficção científica começou a se afastar de vez de seu amálgama com a fantasia, uma vez que os autores acima citados construíam suas narrativas a partir de construtos e elementos advindos da natureza, deixando o sobrenatural de lado. Essa transição pode ser observada a partir de uma das obras de J. V., na qual Gustavo Clives Rodrigues comenta:

É possível até mesmo fazer uma analogia a essa transição dentro da própria obra *20.000 Léguas Submarinas* de Verne, onde, no início, tínhamos uma expedição que estava à procura de um monstro marinho, que na verdade se revelou o submarino Nautilus, comandado pelo excêntrico Capitão Nemo. Do monstro à máquina. Da superstição à análise. Da fantasia à ciência. (RODRIGUES, 2017)⁷

Como acabamos de perceber, identificar a origem da SF é, nas palavras de ROBERTS (2002) “um negócio tão ferozmente contestado quanto a definição de sua forma⁸” (tradução nossa). Alguns críticos divergem no que seria o ponto de partida da ficção científica, alguns não voltam mais do que cem anos, até Jules Verne e H. G. Wells, “dando à SF como um gênero jovem que se ajusta a um perfil supostamente juvenil e voltado para o futuro”. (ROBERTS, 2002, p. 47-59). Ele ainda contrapõe dizendo que:

Outros insistem em pesquisar elementos "fantásticos" ou "ficcionalis" na literatura tão antiga quanto a própria literatura. Há jornadas para a Lua ou protagonistas heróicos que buscam novos mundos e novas civilizações estranhas nos mais antigos épicos da cultura humana, da antiga Epopéia Suméria de Gilgamesh (escrita talvez em 2000 a. C.) em diante.”(Idem, p. 37)(tradução nossa)⁹

⁷ Retirado do site Formiga Elétrica. Disponível em: <https://formigaeletrica.com.br/livros/a-proto-ficcao-cientifica/>.

⁸O original em inglês – “The identification of a point of origin for science fictionis as fiercely contested a business as defining the form”.

⁹O original em Inglês – “Other sinsist onsearching out ‘fantastic’ or ‘science-fictional’ elements in literature as ancient as literatures it self. There are journeys to the Moon or heroic protagonists seeking out new worlds andstrange new civilisations in the old estepics of humanculture, from the ancient Sumerian Epic of Gilgamesh (writtenperhaps in 2000 BC) onwards.”

Essas duas abordagens, quanto às origens da ficção científica, provêm uma ampla discussão para entendermos a real natureza por trás desse “coral arisco” que insiste em se camuflar nas entrelinhas de sua própria história, encantando o seu leitor e dividindo os estudiosos.

No início do século XX as revistas *pulps* impulsionam a FC, lançando vários autores que marcariam a produção desse gênero, tais como John W. Campbell, Isaac Asimov, Arthur C. Clark, Ray Bradbury, Philip K. Dick, entre outros grandes nomes. Sobre a ficção científica desse século, Adam Roberts a compara com uma máquina e que segundo ele, ela teria a função de gerar novos modos de pensamento, “de visões quase científicas da sociedade e do mundo recém-sistematizadas” (ROBERTS, 2018, p. 317). Isso se dá porque a ideia da máquina chega como um termo pré-valorizado, sugerindo uma sociedade modernizada que deveria ser lubrificada, estando sempre em movimento para o seu bom funcionamento.

1.2 Uma terra sem lei: a (in)definição da fc

Assim como seu surgimento a ficção científica não é de fácil definição. No entanto, se abordássemos qualquer pessoa na rua hoje, e questionássemos se ela saberia o que é essa tal de *Sci-fi*, provavelmente receberíamos respostas tais como: é o assunto que fala das guerras espaciais como em “Star Wars”, ou conta histórias de robôs controlando o mundo como no “Exterminador do Futuro”, ou são histórias de como o mundo seria no futuro, ou seja, as pessoas podem até não saber conceituar, mas sabem distinguir e identificar um filme, uma série de TV ou até mesmo obras literárias que fazem referência ao gênero. Navegaremos agora em um mar há muito explorado pelos capitães do velho mundo, mas que se faz cada vez mais agitado no novo século.

Apresentar ou discutir os possíveis conceitos e definições sobre a FC, como já dito, não é uma tarefa muito simples, uma vez que há muitas definições (acadêmicas e editoriais), assim como uma crítica e estudiosos do caso que divergem no que possa ser ou não considerado FC. De certa forma a grande maioria leva como base a ideia de que a S-F é uma resposta clara ao desenvolvimento do homem, onde se teorizam as possíveis consequências advindas com a modernização e com o surgimento das ciências e das tecnologias. Colocando como base esse preceito, Isaac Asimov define a FC como “ramo da literatura que trata das respostas do homem às mudanças ocorridas ao nível da ciência e da tecnologia” (ASIMOV, 1984, p.46).

A definição dada por Asimov para a *Sci-fi* pode-se dizer que passa por uma carga histórica que vem desde o momento em que a Revolução Industrial e a Revolução Francesa eclodem, modificando o pensamento e o comportamento da sociedade ocidental, a partir do final do século XVIII. Exemplo disso está na invenção dos maquinários, que veio substituir à mão de obra humana, assim como a construção de fábricas nas cidades, a invenção de máquinas movidas a vapor, etc.

Segundo OLIVEIRA, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa foram responsáveis por dar as condições necessárias para o surgimento desse gênero conhecido hoje como ficção científica.

O explícito nas revoluções e no pensamento que inauguram este período é o entrelaçamento inextricável entre o surgimento de um *sujeito autônomo e singular*, legitimado pelo desenvolvimento de um saber *tecnocientífico* comprovadamente eficaz, e uma nova relação com o tempo que concebe o *futuro* como produto das mudanças realizadas no presente. Estes três acontecimentos inseparáveis – o desenvolvimento tecnocientífico como desencadeador de mudanças, o sujeito como modo de ser do homem, e a mudança como possibilidade de sonhar com o futuro – forneceram o terreno fértil para a narrativa de ficção científica. (OLIVEIRA, 2004)

Dessa forma quando Asimov diz que a FC é uma resposta dos homens ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia podemos inferir que esta tentativa de resposta vem acontecendo desde o Iluminismo ou mesmo antes da modernidade ali implícita... É arisco, o coral.

Para finalizar, ampliando o problema do conceito, cito outro teórico que enveredou na discussão a respeito de uma (in) definição da S-F, o escritor André Carneiro. Ele afirma sobre o gênero:

A ficção científica pode ser escapista, evasiva e simples divertimento, como o é nas grandes tiragens comerciais destinadas ao consumo do grande público. Mas também é uma pequena porcentagem qualitativa (como em todos os gêneros artísticos) uma projeção e análise das angústias e dos desejos humanos, dos seus temores e de sua problemática, dentro do mundo contemporâneo. [...] a ficção científica é contraditória, instável e mutável, como a própria época em que vivemos, onde as definições são necessariamente passageiras, relativas e enganadoras. (CARNEIRO, 1967, p.8)

1.3 *FRANKENSTEIN* de Mary Shelley

Mary Shelley (1797 – 1851), que também era considerada a “mãe da ficção científica”, tem em sua obra *Frankenstein* o título de marco inicial da FC, como já mencionado anteriormente. A obra de Shelley ao contrário do que pensa o senso comum não se trata de uma obra de terror, como ficou popularmente conhecida por intermédio de sua adaptação para o cinema, mas sim de um romance de investigação, no qual a autora racionaliza e teoriza sobre o uso da eletricidade num corpo morto, a fim de reanimá-lo, tendo como inspiração os

estudos e experiências de Luigi Galvani (1737-1798), que investigava como gerar eletricidade a partir de reações químicas.

Sobre a relação do cinema com as obras de ficção científica LEONARDO (2007) comenta:

Freqüentemente o cinema deturpa o cerne da narrativa, colocando-a como terror, por exemplo. Estas duas obras citadas acima, muitas vezes levam o espectador a sentir medo ou qualquer outra sensação bem distante de uma obra de F.C. Com tantas barreiras, a literatura não tem dado conta de mostrar aos leitores nem à crítica a riqueza, a peculiaridade e o fascínio contidos neste gênero. (LEONARDO. 2007. pp. 3-4)

No romance somos apresentados ao narrador Robert Walton, um homem inglês que estava embarcando rumo às regiões geladas do ártico, afim de, “cumprir um grande propósito” que não fica muito claro o que seja. (SHELLEY, p.15).¹⁰Uma vez no ártico, ele encontra com o cientista Victor Frankenstein, que já se encontrava a beira da morte, e lhe conta a sua história (é isso mesmo uma história embutida na história de Walton). O cientista conta que “entregue a uma sede de conhecimento” e depois de se enveredar em textos alquímicos e científicos ele decidiu por conceber “um ser como ele” (SHELLEY, pp. 6-52), durante a narrativa Victor não explica muito como ele idealizou a criatura: “Fiz uma incursão”, e continua dizendo, “à profana umidade do túmulo, ou torturei o animal vivo para animar o barro sem vida [...]. Reuni ossos de capela mortuária.” (SHELLEY, p. 53), e “infundi uma centelha de existência na coisa sem vida” (SHELLEY, p 56).

No momento que a criatura ganha vida o seu criador, envolvido por uma série de desdobramentos implausíveis, foge abandonando sua criação, que passa a aprender sobre as coisas, assim como a falar e a ler, observando as pessoas nas redondezas de onde fora concebido. Mais que isso, o monstro adotou uma personalidade que nas palavras de ROBERTS (2018, p. 193) seria “antisocial, beirando o melodrama e trágica ao ponto do constrangimento. Bom em essência torna-se ao contrário, maligno, violento e mesmo homicida.” Cansado de ficar sozinho, a criatura captura seu criador e pede a ele que crie uma companhia, mas Victor de início aceita, mas muda de ideia ao pensar no que poderia resultar “filhos, e uma raça de demônios se propagasse na Terra” (SHELLEY, p. 106), e destrói com as próprias mãos o mostro fêmea. A criatura procurando vingança mata a esposa de seu criador no dia da noite de núpcias e por sua vez o criador inicia uma perseguição, por toda a Europa, atrás de sua criação.

¹⁰ SHELLEY, Mary. Frankenstein, or The Modern Prometheus (1818), org. Maurice Hindle. Harmondsworth: Penguin, 1992.

A história termina com o encontro de Walton com a criatura que pega nos braços o seu criador já sem vida e declara: “Devo morrer [...] Contaminado por crimes e dilacerado pelo remorso mais amargo, onde posso encontrar descanso a não ser na morte?” (SHELLEY, p. 214). E assim termina a história que é a precursora da ficção científica.

Na primeira edição não há menção da eletricidade na primeira novela de 1818, embora na segunda edição, e em muitas outras vem acrescentado. Um prefácio de Mary Shelley preenche as lacunas que surgiram após a primeira edição. E foi a beira do lago de Genebra, na Suíça, onde a autora passava as férias ao lado seu futuro marido Percy Bysshe Shelley, e tendo como anfitrião o célebre poeta Lord Byron, que a ideia para *Frankenstein* surgiu. Era uma noite chuvosa de verão, e sem ter muitas opções do que fazer devido a condição do tempo, que Lordy Byron sugeriu um passatempo, desafia a cada um deles escrever um história de fantasmas.

A princípio, a autora relutou em aceitar o desafio, mas o fez, e na madrugada do dia 16 de junho de 1816, a escritora teve a visão de um jovem que dava vida (reanimava) a uma criatura a partir de ossos que havia recolhido em sepultura, e assim, nasceu a mundialmente famosa criatura que nem nome tinha.

Dessa forma, a obra de Shelley marca o início de um gênero que resolve desafiar os limites físicos, mentais e temporais. Se num primeiro momento, Deus criou o homem a partir do barro, Victor Frankenstein criou um morto, literário, que revolucionaria e desafiaria a deidade, construindo assim uma metáfora para as possibilidades que o ser humano pode alcançar com as ciências, o que demonstra também as linhas de arrogância e ambição humana. Temos hoje estudos e engenharia biogenética que já possibilitaram alcançar a clonagem de um ser vivo isso demonstra que o que foi abordado em Frankenstein não está tão distante de nós e que a obra se faz mais atual do que nunca.

Em Roberts 2018, encontramos um curto fragmento, em que percebemos a arrogância, e de certa forma a natureza do homem, na ambição de usurpar a condição de Deus.

Uma nova espécime me abençoaria como seu criador e sua causa; espécime excelentes e muito felizes deveriam a sua existência a mim. Nenhum pai poderia reclamar a gratidão de seu filho de modo tão completo como eu mereceria a deles (Shelley apud ROBERTS, 2018, p. 193)

1.4 As *Pulps Magazine*

Não podemos deixar de mencionar, num estudo sobre a fc, as revistas *pulps*¹¹ que foram e ainda são uma das principais formas de divulgação da ficção científica desde o século XX. Além de impulsionar o gênero no mercado editorial, elas lançaram muitos nomes famosos para o gênero de fc. Para termos uma noção do quão importante foram as revistas *pulps* nessa época que Brian Attebery chega a rotular o período de 1926 a 1960 como a “Era da Revista”.¹²

Antes das revistas periódicas, as novelas e histórias literárias eram muitas vezes publicadas em folhetins segundo os historiadores do livro, mas na virada do século XIX para o XX, os folhetins começam a cair no declínio, curiosamente Mike Ashley observa que esse tipo de material iria “sobreviver até Primeira Guerra Mundial”, momento que as revistas *pulps* passam a conquistar a popularidade e a entrar como uma alternativa mais barata de publicação das histórias de ficção. (Ashley apud ROBERTS, 2018, p. 352)

Provavelmente, a *The Argosy* ou *The Golden Argosy* (1886) fundada por Frank Munsey, foi à primeira revista *pulp* a publicar histórias de ficção e entre elas a sci-fi, no entanto ela não era uma revista exclusivamente dedicada às histórias de FC. Outra revista que se destacou foi a *All Story* (1911), responsável por publicar inúmeras histórias de Edgar R. Burroughs.

Mas foi só na década de 1920 que os dois mais famosos precursores da cultura *pulp* chegariam, primeiro a *Weird Tales*, que é fundada por J.C. Henneberger - um ex-jornalista apaixonado por histórias de horror e coisas macabras - começa a publicar em 1923, sob as edições de Edwin Baird, o mesmo é substituído mais tarde por Farnsworth Wright que desponta uma grande número de publicações que dão um novo aspecto a revista, publicando vários histórias e contos de H.P. Lovecraft.

O segundo foi à revista idealizada por Hugo Gernsback com a *pulp* *Amazing Storie*, como já mencionado antes, e nessa revista que surge a primeira vez o termo que seria utilizado para definir o gênero FC.

Segundo ROBERTS:

“De todas as *pulps*, as de FC eram as mais vistosas; em parte porque seu conteúdo era mais excitante, mais cheio de estrelas, mais propenso a erguer, com metáforas, os olhos de seus leitores para o que brilha acima de nós; em parte, também, porque estavam *conscientes* em a mesma se regozijavam com a própria simplicidade e o estilo *Kitsch*.” (ROBERTS, 2018, p. 353)

¹¹O termo *pulp* vem do inglês que significa poupa que nesse caso a parte menos nobre das árvores, que era utilizada na fabricação de papel. Segundo ROBERTS 2018 “pulp é uma palavra usada para indicar um tipo particular de história publicado em uma série de revistas vendidas em certo nicho de mercado”. p. 352

¹² ATTEBERY, Brian. **The Magazine Era: 1926-1960**. In: *The Cambridge Companion to Science Fiction*, orgs. Edward James e Farah Mendlesohn. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, pp. 32-47.

Falando um pouco mais sobre o idealizador do termo ficção científica, Hugo Gernsback, ele queria revolucionar, à sua maneira, as publicações da s-f, ou seja queria estabelecer uma nova literatura que teria como o cerne das histórias as premissas “científico-didático”, reformulando assim a fc, afastando-a por completo dos elementos místicos, mágicos e sobrenaturais que no principio a formava.

Além de ser editor de revista, Hugo também escreveu uma obra de ficção científica, intitulada como *Ralph 124C 41+: A Romance of the Year 2660* [Ralph 124C 41+: Um Romance do Ano 2660], lançou seu romance como uma série entre os anos de 1911-1912 e em livro em 1925. Ele também foi o responsável por idealizar e criar a revista *Modern Eletrics* em 1908 onde publicara sua novela pela primeira vez, e teve como tema para essa revista o seu interesse pela eletricidade que já estava despontando na época.

Como editor Gernsback contribui muito para o gênero de ficção científica, tal feito o fez reconhecido hoje, de modo que seu nome foi dado a um dos mais importantes prêmios do gênero, o “Prêmio Hugo”. O modo como ele diria a revista e prezava por manter a fc longe dos elementos fantásticos, dessa forma as edições lançadas na *Amazing Stories*, dava a elas a forma inicial de um fc mais hard.

Por volta de 1929, Hugo entra em falência e é obrigado a vender os direitos da sua revista. No entanto, mais tarde ele cria não uma, mais quatro novas revistas de FC, a primeira *Air Wonder Stories* e *Science Wonder Stories* (revista onde aparece o termo *science-fiction* que é como conhecemos hoje), que se fundem um ano mais tarde, formando a *Wonder Stories*. As outras duas revistas não duraram nem um ano e encerraram suas atividades.

Com isso, Hugo Gernsback influenciou e encorajou a criação de muitas outras revistas, nos moldes que ele propunha, dessa podemos citar a *Astounding Science-Fiction* que se tornaria uma das editoras mais importantes para o momento que ficou conhecido como a “Era de Ouro da Ficção Científica” (ROBERTS, 2018, p. 357)

CAPÍTULO 2 – UMA NOTA ENTRE AS PÁGINAS

Antes de adentrar no que se propõe esse trabalho, é de fundamental importância que conheçamos ou pelo menos tenhamos alguma ideia de quem foi esse sujeito singular por trás das obras a serem discutidas no próximo capítulo, autor dessa emocionante aventura exploratória e desbravadora.

2.1 A breve história de um escritor visionário¹³

Jules Gabriel Verne Allote, também conhecido como Júlio Verne nos países de língua portuguesa, é considerado por muitos como um dos pais da ficção científica, nasceu na cidade portuária de Nantes, na França, no dia 8 de fevereiro de 1828, filho de Pierre Verne (1811-1871), advogado católico e Sophie Allote de la Fuÿe (1811-1878), filha de contador, tinha ainda outros quatro irmãos Paul (1829 – 1897), Anna (1837 – 1919), Mathilde (1839 – 1920) e Marie (1842 – 1913), sendo ele o mais velho.

Passou a infância com seus irmãos em Nantes, cidade que possuía um grande tráfego de navios que iam e vinham com especiarias, e que também zarpavam ao encontro de terras ainda não exploradas. O porto também recebia os navios negreiros do tráfico de escravos do século XIX. No entanto foi ali, à margem do Atlântico, que Verne desperta a sua imaginação, e aos doze anos de idade inicia sua primeira aventura, tentando empreender uma fuga de casa embarcando em um navio que tinha como destino a Índia, trocando de lugar com um rapaz que trabalhava no mesmo navio como grumete, mas foi descoberto e mandado de volta para casa e diante da desaprovação do pai ele teria prometido: “*je ne voyagerai plus qu’en revê*” [não vou mais viajar, a não ser nos sonhos]. (ROBERTS, 2018, p.264)

Criado para seguir a carreira do pai no ramo do Direito estudou na escola Saint-Stanilas, destacando-se principalmente em geografia e música, entretanto foi transferido em 1840 para o colégio católico Petit Séminaire. Já em 1844 entra no Colégio Real de Nantes e dois anos mais tarde passa a estudar Direito, curso que escolheu para agradar ao pai.

Começa seus estudos em Nantes, mas em 1847 é mandado a Paris por seus pais, para fazer as provas da faculdade e também para afastá-lo de Nantes onde sofria por uma desilusão amorosa. Uma vez em Paris passa a frequentar os salões literários¹⁴, e é nesse período que ele faz amizade com Alexandre Dumas, filho. Mesmo cursando Direito, Jules Verne não deixava

¹³ Utilizamos como base para essa biografia de Jules Verne a cronologia da vida do autor, disponível na própria edição da obra “Viagem ao Centro da Terra”. (VERNE, 2016, p. 233 -238).

¹⁴ Do francês, *salonlittéraire* são espaços onde os intelectuais e eruditos vão para se divertir e debater questões relativas a eventos correntes ou sobre literatura, música, filosofia etc. O termo é geralmente associado aos encontros literários e filosóficos da França do século XVII e XVIII, mas que continuam comuns em alguns lugares do mundo ainda nos dias de hoje.

de lado seu amor pela literatura como um romântico amante de aventura, “como Lorde Byron” (ROBERTS, 2018, p. 264), mas de uma coisa sabia, não seguiria os passos profissionais do pai.

Antes de ser conhecido por seus romances J. V. começa sua carreira escrevendo peças de teatro, assim como contos dentre outros textos. E em 1850, e graças a seu amigo Alexandre Dumas, sua primeira peça intitulada *Les Pailles Rompues* [Contratos rompidos] fora apresentada em Paris no teatro Lyrique, no Châtelet, no qual passa a trabalhar mais tarde como secretário, até 1855. Em 1853 a opereta *Colin-Maillard*, que compõe junto com o músico e amigo Aristides Hignard, estreia no Teatro Lírico. Sobre a relação de Verne com o teatro, MOURÃO (2005) afirma que, “assim como os seus romances, Jules Verne deve ao teatro a sua glória e fortuna que o imortalizou durante a sua vida e o faria muito conhecido, mais tarde, pela mão dos cineastas após a sua morte.”

Ainda em Paris, Verne faz amizade com o escritor e explorador Jacques Arago e conhece cientistas e exploradores que o apresentam ao mundo da ciência. Mais tarde ele publica seu primeiro conto *Un Voyage em ballon* [Viagem em um balão] na revista *Musée des Familles* em 1851, mesma revista na qual em 1864 publica um ensaio sobre os fantásticos contos de Edgar Allan Poe (que lia na tradução de Baudelaire), por quem ele nutria uma profunda admiração, pois em suas palavras ele foi o criador de uma nova forma de literatura, da qual só Poe possuía o segredo, caracterizado por um ar misterioso, que traspassava o imaginário (MOURÃO, 2005). Foram as leituras de Poe e Defoe (autor de *Robinson Crusoe*) as principais influências para que J.V. encontrasse seu estilo literário, seu próprio gênero à parte.

Em 1852 ele abandona totalmente o Direito para se dedicar à literatura, e trabalhando no teatro escreve alguns contos que são publicados nos dois anos seguintes na revista *Musée des Familles*, sendo que o primeiro é o “Mestre Zacarias” e o segundo “Uma internada no gelo”. Vendo que sua literatura ainda não lhe rendia frutos, passa a trabalhar na Bolsa de Paris, emprego que lhe possibilitou casar-se em 1856 com a viúva Honorine de Viane, que já tinha duas filhas do primeiro casamento.

Mesmo trabalhando, não para de escrever, dividindo seu tempo entre a Bolsa e a literatura. Continua escrevendo poemas, contos e libretos de peças, dentre os quais se destaca uma em que havia macacos como um dos temas da peça, com o título de *Monsieur de chimpanzé* [O Sr. de Chimpanzé], peça essa que escreveu em parceria com Michel Carré e com música de Hignard, que entra em cartaz em 1858.

Já em 1859 faz duas visitas ao exterior, primeiro viaja a Inglaterra e depois a Escócia com seu amigo Hignard, o que lhe rende o livro *Voyage em Angleterre et em Écosse* [Viagem à Inglaterra e à Escócia], na qual relata de forma romanesca e irônica sua experiência de viagem nesses países. Um ano mais tarde Verne conhece Félix Nadar (1820-1910) que era fotógrafo, caricaturista e aeronauta¹⁵, persona tão singular que serviu de inspiração para a obra *Cinco semanas em um balão*.

Mais tarde ele viaja novamente acompanhado de Hignard, tendo desta vez como destino a Escandinávia, o que lhe rendeu um diário de viagem, que serviu de base para o conto “Um bilhete de loteria”, ainda nesse mesmo ano no dia 03 de agosto, ele e Honorine tem seu primeiro e único filho, Michel Jean Pierre Verne (1861 – 1925).

Por volta de 1862 e depois de já ter passado por vários editores parisienses, Jules Verne é apresentado por Alexandre Dumas, pai, ao editor Pierre - Jules Hatzel, que viria a se tornar seu único editor em vida. Após apresentar seu manuscrito de *Cinco Semanas em um Balão* a Hatzel, que narra a pitoresca aventura do Dr. Fergusson, que se propõe a atravessar o continente africano por rotas ainda não exploradas, usando para isso um balão de hidrogênio como veículo. Hatzel, percebendo o grande potencial do manuscrito, o publicou, e embalado pelo grande sucesso que foi a obra, propôs a Verne um contrato no qual eles publicariam três volumes ao ano, lançando uma série de livros que viriam sob o título geral de *Voyages Extraordinaires*.

Dois anos mais tarde, Hatzel cria a revista *Le Magasin illustré d'Éducation et de Récréation* [Revista Ilustrada de Educação e Recreação], que traria publicações bimensais com conteúdo dirigido ao público jovem, e é também nessa revista que a maioria das obras de Jules Verne seriam publicadas no formato de folhetins. A revista tinha como proposta unir a educação com o lazer, o que para Adam Roberts resume bem o espírito da FC de Verne.

ROBERTS (2018) ainda destaca que:

O texto típico de Verne-Hatzel combina didatismo enciclopédico com aventuras diversificadas em uma narrativa desenvolvida com vigor, em geral estruturada em torno de uma viagem motivada por uma força externa (fuga de pesquisadores, a busca urgente de solução para um mistério ou de algum outro objetivo específico; mais raramente o motivo é uma simples exploração). p. 267

Ainda em 1864 ele produz a obra *Voyage au centre de La Terre* [Viagem ao centro da terra], que ganharia uma versão aumentada e com ilustrações três anos depois, a obra apresenta a aventura exploratória do professor Lindenbrock, que descobre uma passagem para

¹⁵ Pessoa que navega no ar com aeróstato; pessoa que tripula uma aeronave.

o centro da terra em uma nota deixada pelo viking Arne Saknussemm, o que o leva a chefiar um grupo de expedição formado por ele, seu sobrinho Axel e o guia, Hans.

Verne começa a se interessar por navegação e, em 1865, passa a praticar no pequeno porto de Crotoy, onde ele se instala por um tempo, mas continua mantendo sua casa em Paris. É nesse ano também que Verne trabalha nas novelas *Os filhos do Capitão Grant* e *Robinson*, sendo que essa última seria recusada por Hatzel, no entanto embarca a publicação da novela *Da Terra à Lua*. Se em viagens anteriores J.V. explorou o centro da terra e o espaço aéreo do nosso planeta, nessa obra ele fala sobre o plano idealizado por veteranos da guerra civil americana de viajar para a lua em uma nave lançada por gigantesco canhão, antecipando de certa forma as viagens espaciais que se dariam nas décadas de 1950 e 1960.

Em 1866, Hatzel publica *As aventuras do capitão Hatteras*, numa edição ilustrada que abriria a série Viagens Extraordinárias, e nessa época também Verne começa a trabalhar na obra “Viagem Submarina”, futuro *20 mil léguas submarinas*. No ano seguinte ele viaja aos EUA com seu irmão, e com o relato da viagem escreve *Uma cidade flutuante* que só seria publicada em 1971.

Entre 1869 e 1870 deixa a cidade de Paris definitivamente e se instala em Crotoy, é nesse período que a obra *Vingt Mille lieues sous les mers* [20 mil léguas submarinas] começa a ser publicada em folhetim na revista de Hatzel. Não contente em explorar o interior da terra e mesmo levar o homem à lua, Verne explora as profundezas do oceano com um personagem enigmático e cheio de mistérios que é o capitão Nemo. Ele retoma “Robinson”, idealizando uma nova versão que viria a ficar conhecida como a *L’Ile mystérieuse* [A Ilha Misteriosa] onde somos apresentados às origens de Nemo. O livro atua como uma continuação para as *20 mil léguas submarinas*. Publica também *Ao redor da Lua*, que é a continuação de *Da Terra à Lua*.

Seu pai falece em 03 de novembro de 1871. No ano seguinte, Verne muda-se para Amiens, cidade natal de sua esposa onde é eleito membro na Academia de Letras. A série Viagens Extraordinárias é premiada pela Academia Francesa. Nesse mesmo período publica *Le Tour du monde em quatre-vingts jours* [A volta ao mundo em 80 dias], na qual o intrépido Phileas Fogg aposta que pode dar a volta ao mundo em oitenta dias como menciona o título, seu maior sucesso literário.

Já estabelecido em Amiens, passa a se preocupar com o comportamento do filho que é internado numa clínica de recuperação. Tem início a publicação da novela *A Ilha Misteriosa* (1874-1875). Em 1884 seu filho casa com a atriz Thérèse Taton, sem o consentimento do pai, que dá uma pensão ao jovem casal. Em 1887 sua mãe morre no dia 15 de fevereiro.

Entre a publicação de *A Ilha Misteriosa* e a morte de sua mãe, Verne publica 16 novelas entre elas, *Michel Strogoff* (1876), *Hector Servadac* (1877), *Um Capitão de quinze anos* (1878), *As atribulações de um chinês na China* e *Os quinhentos milhões de Bégum* (1879), *A casa a vapor* (1880), *A jangada* (1881), *A escola dos Robinson* e *O Raio Verde* (1882), *Kéraban, o cabeçudo* (1883), *O arquipélago em fogo* e *O Estrela do Sul* (1884), *Robur, o Conquistador* e *Um bilhete de loteria* (1886), *Norte contra o Sul* e *O caminho da França* (1887).

Em 1888, Verne passa pela vida política, sendo eleito para a Câmara Municipal de Amiens pelo Partido Republicano, e nesse período ele e o filho começam a se reaproximar, dando início a uma colaboração literária.

Mesmo com a saúde já muito debilitada devido à bulimia, diabetes e as várias crises de paralisia facial, J.V. continuou a escrever e a publicar muitos títulos durante os anos seguintes, porém no dia 24 de março de 1905 Jules Gabriel Verne morre de uma última crise de diabetes e paralisia, em Amiens, sendo enterrado no Cemitério La Madeleine. Seu funeral atraiu mais de cinco mil pessoas.

2.2 Da França ao Brasil - Jules Verne em solo tupiniquim

Devido à crescente popularidade de Jules Verne na França, logo suas obras passam a ser traduzida também para as noções não francófonas, chegando ao Brasil. No entanto, esta chegada está diretamente entrelaçada ao *background* da educação primária e nas discussões sobre o percurso da literatura infanto-juvenil brasileira que se dão até a segunda metade do século XX. Desse modo, consideramos importante situar o leitor, apresentando um panorama geral, a fim de exemplificar a circunstância na qual o autor chega ao Brasil.

Com o nosso país ainda em processo de desenvolvimento da educação no século XIX, no Brasil Império, e com a França desempenhando o papel de maior produtora e influenciadora de bens culturais do mundo, tais como a literatura e as artes na época. Segundo CUNHA “Até a última Grande Guerra, o francês era a segunda língua literária do Brasil e muito do que se conhecia de outras literaturas, especialmente da alemã e da inglesa, vinha através da França.” (CUNHA in ALLEN, 1994, p. 4).

Dessa forma a educação era um privilégio para poucos, pois conseguir uma professora ou tutora era muito difícil. E nesse ponto aparecem os tutores e tutoras estrangeiros, que eram contratados para prover a educação dos filhos da classe média alta, em geral essa educação era voltada principalmente para os meninos que eram os que assumiriam o negócio da família,

as poucas meninas que tinham esse privilegio estudavam no máximo o primário. Muitos desses mestres e mestras vinham de países como França, Alemanha, Inglaterra e até dos EUA.

Segundo ARROYO: “Com efeito, mestres e mestras tanto franceses, como alemães, ingleses ou norte-americanos utilizavam-se o mais das vezes de sua própria língua. Indicavam, assim, leitura em suas línguas de origem, criando um consumo de livros que não aqueles de língua portuguesa.” (ARROYO, 2011, p. 100).

É nesse contexto que Verne adentra pela primeira vez em solo tupiniquim, trazido como indicação de leitura pelas tutoras francesas. Dessa forma, é de fundamental importância frisar aqui, que nesse período a língua francesa já era muito utilizada pelos brasileiros, sendo empregada tanto em casas, à mesa, como nas escolas. Sobre isso ARROYO (2011) cita o depoimento de Maria Paes de Barros¹⁶, que transcreveremos aqui, com o intuito de demonstrar como a língua francesa estava presente na educação do Brasil no século XIX.

Grandes e pequenos [escrevia], todos no sobrado falavam francês. Também eram nessa língua os livros didáticos, bem como os volumes das duas estantes que se viam na espaçosa sala de estudos. Tinha esta, no centro, uma grande carteira com seis compartimentos e, nas paredes, viam-se dois mapas geográficos. No afã de ilustrar os filhos, o comendador Barros mandava vir da França uma boa coleção de obras para a mocidade: histórias de viagens e biografias de homens célebres. As mais velhas recebiam a *Revista Popular*, tão apreciadas das famílias, e *L'Échodes Feuilletons*, publicação de novelas que as deliciavam com as façanhas dos heróis de Alexandre Dumas e as apaixonadas ternuras de Mme. Cottin. (BARROS apud ARROYO, 2011, p.101)

Esse depoimento vem reforçar o que já havíamos mencionado sobre o quanto a França foi a maior influenciadora de bens culturais e artísticos na época, e dessa forma podemos inferir o peso das literaturas francesas, não só no Brasil, mas em todo o mundo.

Voltando para a estrela desse tópico, Jules Verne e suas obras, ARROYO (2011) aponta que a maior parte dos livros de J. V. foram introduzidos no nosso país por meio da Casa Editora Davi Corazzi, “que inundou o mercado brasileiro de enorme quantidade de traduções.” p. 138.

Mesmo entrando como indicações de leitura as obras de J. V. aqui no Brasil fizeram tanto sucesso que segundo Leonardo Arroyo “os primeiros livros de Davi Corazzi, surgidos no Brasil, enquanto leitura dirigida principalmente para meninos e adolescentes (porque eram leituras de adultos também) teria sido os romances de Júlio Verne.” (ARROYO, 2011, p. 138). Sobre o sucesso de Verne no Brasil, tanto os leitores brasileiros, quanto os editores,

¹⁶Maria Pais de Barros nasceu na capital paulista em 9 de julho de 1851. Desde a infância se entregou aos estudos, familiarizou-se com o Alemão, Francês e o Inglês. Em 1932, quando já tinha 81 anos de idade, publicou "História do Brasil". Bibliografia: "História do Brasil", 1932, "No Tempo de Dantes" e "Memórias", com prefácio de Monteiro Lobato, 1944. Faleceu em 11 de setembro de 1952. Retirado do site Geni disponível em: <https://www.geni.com/people/Maria-Paes-de-Barros/6000000017867742160>

acompanhavam bem de perto as novas obras publicadas em Paris, para assim traduzi-las o mais breve possível.

Para encerrar esse capítulo dedicado a transmitir um pouco da vida e obra de Jules Verne e entre os vários depoimentos sobre os contatos com as obras do autor citados por grandes intelectuais, como Olavo Bilac, entre outros, citaremos um depoimento e porque não também dizer uma leitura de mundo, realizada por Monteiro Lobato, um grande escritor da literatura infanto-juvenil brasileira, assim como um apreciador das ciências, escritor de FC e tradutor de muitas obras, incluindo as de ficção científica. Monteiro Lobato nos traz em seu relato o poder de imaginação dado a ele pelas obras de J. V., sobre o qual escreve:

Recordando minha vida colegial vejo quão pouco os mestres contribuíram para a formação do meu espírito. No entanto, a Júlio Verne todo um mundo de coisas eu devo! E a Robinson? Falaram-me à imaginação, despertaram-me a curiosidade – e o resto se fez por si.

Júlio Verne levou-me a Humboldt e depois à geografia e às demais ciências físicas e sociais. Foi o aperitivo. Entreabriu-se as cortinas do mundo como coisa viva, pitoresca, composta de paisagens e dramas. De posse dessa visão, e esporeada pela imaginativa, a inteligência “compreendeu e quis saber”. Que menino, após a leitura de *Keraban, o cabeçudo*, não corre espontaneamente a abrir um atlas para ver onde fica o Bósforo?(LOBATO apud ZANETIC¹⁷, 2009, p. 297).

Com essa fala de Monteiro Lobato, podemos perceber o quanto o escritor não só desperta a curiosidade de seu leitor, como também o faz, ir atrás de respostas para pontos que permeia toda a sua obra, provocando o leitor a sempre buscar mais do que aquilo que esta no texto, seja procurando um mapa para descobrir onde localiza um país, uma cidade, etc.

¹⁷ João Zanetic é professor doutor do Departamento de Física Experimental do Instituto de Física da USP. Atua no Programa de Pós-Graduação Inter unidades de Ensino de Ciências, do qual fazem parte os institutos de Física e Química e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

CAPÍTULO 3 – A NOVA CIÊNCIA

Em toda a nossa volta somos bombardeados por textos e informações das mais diversas possíveis, seja a propaganda em outdoor, um panfleto na rua, as placas de trânsito, o nome das lojas, os preços dos produtos, propagandas de TV e etc., ou seja, a todo o momento estamos exercitando a leitura, sejam de textos, imagens ou números. A partir disso, podemos citar SMITH (1973) que declara, “a leitura pode ocorrer nas mais diversas situações de um recital público de poesia ao exame privado de listas de preço e horários de ônibus” (p. 103). (SMITH apud SOARES, 1998, p. 69)

Do mesmo modo, também ouvimos frequentemente falar, sobre a importância da leitura na nossa vida, ou sobre a necessidade de cativar o hábito da leitura nas crianças e adolescentes, pois como sabemos, a capacidade de leitura nos é útil para as mais diversas finalidades, pois como afirma MARTINS (2006) à leitura “liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural.”

Koch (2002, p. 19) ainda diz que “na atividade de leitura, ativamos lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais”. E é ativando todos esses pressupostos e habilidades que o ser humano integra na sociedade, tornando-se mais participativo e crítico. De todo modo, antes de articularmos os possíveis diálogos da fc com o letramento literário faz-se necessário antes compreender o que é o letramento, para isso, utilizaremos como suporte os estudos de Magda Soares (1998).

Dessa forma, iniciamos nossas discussões pela origem da palavra letramento, Soares explica que o termo letramento “já não é tão novo assim” (grifo nosso) dentro do vocabulário da “Educação e das Ciências Linguísticas”, pois vem da década de 80, na qual surge para especificar um grau da habilidade de leitura e escrita, diferenciando assim do estágio da alfabetização que não mais comportava tudo o que era exigido para uma formação completa da leitura e da escrita, segundo SOARES, havia-se uma necessidade de diferenciar essas duas etapas de aprendizagem, apontando que a aquisição da língua materna era diferente do desenvolvimento da língua tanto no nível escrito como nível oral, sendo assim ela faz essa diferenciação do letramento com o outro.

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento. (SOARES, 2003, p. 90)

O termo letramento vem da palavra de origem inglesa *literacy*, que por sua vez tem origens no latim, *litera* – que significa letra – a partícula *cy* denota um estado, uma condição de ser, ou seja, letramento é a qualidade de ser letrado, ou um estado de letrado, portanto, compreender e interpretar os significados do texto, interagindo com a escrita, de modo a usá-los na vida cotidiana não apenas ‘decodificar o som em letras e as letras em som’, como bastava antes. Dessa forma o que o letramento é depende muito de como é concebida e praticada a leitura e a escrita dentro de determinado contexto social, o que para Soares (1998) é visto como um instrumento de ideologia para manter as práticas sociais correntes. (p. 76)

Para ilustrar o que viemos discutindo até aqui sobre o letramento, e também como forma de propor uma definição, citaremos o poema escrito pela estudante Kate M. Chong¹⁸, com tradução e as devidas adaptações por SOARES (1998), no qual ela expressa o seu contato com o letramento.

O que é letramento?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo de habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
é leitura à luz de vela,
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientação em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

¹⁸Norte americana que escreveu sua história pessoal de letramento, para fins de referência você pode conferir o original em: McLAUGHLIN, M. & VOGT, M.E. Portfolios in Teacher Education. Newark, De: International Reading Association, 1996.

Letramento é, sobretudo,
 um mapa do coração do homem,
 um mapa de quem você é,
 e de tudo que você pode ser.
 (SOARES, 1998, p.41)

Fazendo uma rápida interpretação do poema de Chong, percebemos por meio de seus versos que o letramento é muito mais que a alfabetização, pois expressa um estado de diferentes interações com a leitura e a escrita, que desempenham também diferentes relações com a nossa vida, em outras palavras o letramento envolve as numerosas e variadas práticas sociais da leitura e da escrita que mantemos durante a nossa existência. Com isso, SOARES (2004) diz “o letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (p. 72). Em termos mais simples letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem os indivíduos ou grupos sociais letrados.

Agora que entendemos o que é o letramento e como ele se “diferencia” da alfabetização, podemos pensar em uma forma mais específica de letramento, no caso o letramento literário, que será o principal aporte para discutirmos a leitura literária, em específico na ficção científica de Jules Verne, como elemento de incentivo a formação de leitores.

Assim COSSON (2009, p. 16), entende que o letramento literário se configura nas práticas sociais que utilizam da escrita literária, pois é na escrita que armazenamos nossos saberes, é nela também que nos libertamos dos limites do tempo e do espaço, dessa forma, a mesma é um instrumento poderoso de libertação das restrições “físicas do ser humano.”

Segundo COSSON (2009) a “prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana.” (p. 16) Por isso, entendemos que, por meio os textos literários nos desvencilhamos das regras impostas pelos “discursos padronizados”, tomando a linguagem não apenas como nossa, mas também como a de todos, graças ao caráter da literatura, que articula os saberes do homem e do mundo, num único plano.

Como já sabemos, a leitura possui inúmeras finalidades, também sabemos que é na escola que a maioria dos alunos entra em contato direto com essa modalidade da linguagem. Principalmente por meio das disciplinas de literatura ou leitura, que quase sempre são representadas por momentos no qual o professor de língua portuguesa seleciona alguns títulos, privilegiando as indicações dos PCNs ou como no ensino médio, que as leituras do

ano, são somente as leituras de obras que se enquadrem dentro das escolas literárias estudadas por bimestre que são normalmente apresentados em forma de seminários. Esse tipo de abordagem da literatura pode matar o gosto e interesse pela leitura nos alunos, que tomam esse tipo de leitura como algo obrigatório apenas para alcançar uma pontuação.

No entanto, as atividades de leituras não devem se restringir aos muros da escola, ela deve perpassar as salas de aulas, alcançando novos horizontes, o que faz com que o leitor adquira novas experiências, expandindo assim, o seu conhecimento contribuindo também na sua formação enquanto leitor.

Sabemos também que um leitor não se faz sozinho, e muito menos do dia para a noite, havendo a necessidade de uma mediação e é nesse ponto que entra o professor e a escola como os principais mediadores e formadores da leitura, onde o professor articula os saberes para que os alunos tirem o maior proveito da experiência literária. Dessa forma, Umberto Eco (2003, pg. 14-15) afirma que “o mundo da literatura é um universo no qual é possível fazer testes para estabelecer se um leitor tem o sentido da realidade ou é presa de suas próprias alucinações!”, ainda nesse mesmo contexto o escritor reflete:

A leitura de obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nela lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades, da linguagem e da vida (ECO, 2003. pg.12).

Entretanto isso não vem acontecendo de maneira satisfatória, pois as escolas, ainda seguem os padrões pedagógicos tradicionais, na qual se lê para atribuir ponto ou para fazer algum tipo de avaliação só para passar no fim do ano, e é a partir disso que as escolas vêm perdendo o interesse desses alunos/ leitores.

3.1 O buraco de minhoca: ponte entre a fc de Verne e a formação de leitores

Para desenvolver as análise da relação das obras escolhidas com as praticas de letramentos, pautaremos- nos em três pontos que consideramos pertinente ao desenvolvimento pratico adquirido da teoria, sendo assim, o primeiro ponto esta na recepção que o leitor faz das obras ao manuseá-las pela primeira vez, o segundo ponto, será construída a partir das relações que o leitor pode inferir da leitura com o mundo e por fim a caracterização transcendental da ficção científica.

Desse modo, considerando os pressupostos do letramento literário, vemos na ficção científica de Verne, em todas as obras um grande potencial, no entanto destacaremos estas

duas, *Viagem ao centro da terra* e *20 mil léguas submarinas*, que são as mais conhecidas do autor. Articulando assim, as possibilidades de integrar e despertar o desejo da leitura nos jovens em formação escolar, pois assim como no letramento a fc é um gênero que explorara não só a sociedade mais os homens que vivem nela. Sobre as histórias de Verne, Monteiro Lobato comenta:

A bagagem de Júlio Verne, amontoada na memória, faz nascer o desejo do estudo. Suportamos e compreendemos o abstrato só quando já existe material concreto na memória. Mas pegar de uma pobre criança e pô-la a decorar nomes de rios, cidades, golfos, marés, como se faz hoje, sem intermédio da imaginação, chega a ser criminoso. É no entanto, o que se faz!... A arte abrindo caminho à ciência: quando compreenderão os professores que o segredo de tudo está aqui? (LOBATO apud ZANETIC, 2009, p. 297).

Certa vez, em uma aula, o professor faz a seguinte analogia com a obra literária: “gosto de pensar na leitura de um livro como em um ‘*strip-tease*’, no qual vamos tirando peça por peça, apreciando toda a performance que envolve e espectador fazendo com que cheguemos ao clímax alcançando um estado de prazer que só aproxima o leitor da obra”. A essa analogia realizada pelo professor, o pesquisador considera esse modo de leitura válida às literaturas de fc, que como um coral arisco, esconde nas entrelinhas um mundo de possibilidades. Assim consideramos que as obras mencionadas acima são um ótimo ponto de partida, pois aproxima o público jovem a narrativa, pois retoma as aventuras de infância de quando era criança.

Como no primeiro ponto, tem-se uma relação com a recepção entre a obra a ser lida e o aluno/leitor, que embarcara na aventura de explorar o livro, assim como se tem o ditado no meio da gastronomia “onde se diz que primeiro comemos com os olhos”, muitas vezes não fazemos isso no âmbito da leitura. Neste caso o professor que desempenha o papel de mediador, pois como sabemos, a leitura necessita de mediação, fará a ponte entre o aluno e o livro. Dessa maneira, acreditamos que as obras poderiam sim, despertar a curiosidade de pelo menos folhear as primeiras páginas das obras, só pelo visual das edições.

Alguns pressupostos do letramento literário apontam que não há letramento sem a promoção do contato direto do leitor com a obra a ser lida, de modo que o aluno possa interagir com a obra literária, ativando todos os sentidos como a visão, o olfato e o tato. Dessa forma você cria no aluno uma relação de intimidade com o livro, abrindo assim um caminho para uma possível leitura. O que segundo AZEVEDO (p.2) confirma essa relação:

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida. (AZEVEDO in SOUZA, 2004)

Para o segundo ponto, as obras de Verne, podem contribuir com o letramento literário, pois demonstra com seus personagens a necessidade que o ser humano tem de antever o futuro, de esta sempre descobrindo e inventando novas, como faz o capitão Nemo ao idealizar e inventar uma máquina submarina, o “*Nautilus*”, ou com o professor Lindenbrock que se empolga na possibilidade de fazer novas descobertas.

Ainda, sobre a ficção, podemos observar que graças às suas características que mesclam um caráter científico a ficcionalidade, é um gênero que permite diversos estudos não só os ligados a disciplina de língua portuguesa, podendo contribuir também para o multiletramento estabelecendo relações de partilha entre os conhecimentos, pegue, por exemplo, as obras aqui citadas, quantos e quantos artigos de física, biologia, geografia, história utilizam os livros do autor para discorrer sobre a caracterização de elementos ligados a essas áreas.

Por fim, Lajolo reforça a importância do ato de ler:

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. Do mundo da leitura para a leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos limites da escola (LAJOLO, 1993, p. 7)

CAPITULO 4 - UM CONVITE À AVENTURA

“Um bom livro é aquele que se abre por interesse e se fecha com proveito.” (Amos Alcott¹⁹)

As obras escolhidas para análise são aqui resenhadas: os dois livros apareceram em uma série intitulada “Viagens Extraordinárias”, denominação empregada por Pierre-Jules Hetzel²⁰ a uma coleção de mais de 46 títulos, dentre os quais: *Viagem ao Centro da Terra*, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, *A Volta ao Mundo em 80 dias* e *Ilha Misteriosa*, sendo que essa série foi composta em grande parte por obras de Jules Verne, como as narrativas destacadas acima.

As aventuras nas obras em foco têm início a partir de um fator em comum, a procura do conhecimento. Em *Viagem ao centro da Terra*, o personagem principal é o professor Lindenbrock. Ao passar por uma livraria antiga, ele acaba por adquirir um exemplar raro, no qual encontra uma nota criptografada que escondia a localização de uma passagem que daria no centro da terra. Em *20 mil léguas submarinas*, outro professor, Aronnax, chega a Nova Iorque vindo de uma expedição de estudos quando se depara com o boato de uma misteriosa criatura que residia nos oceanos e estava a causar um grande alvoroço e destruição aos navios comerciais.

4.1 VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

A narrativa começa no dia 24 de maio de 1863 com *Otto Lindenbrock* um professor de geologia em Johannaem, após chegar a sua residência, depois de uma visita a loja do judeu *Hevelius*. Traz com sigilo um manuscrito do século XII (uma de suas obsessões, como sendo o bibliônomo que é, no qual contém uma nota escrita em rúnico²¹ deixada por um alquimista denominado de *Arne Saknussemm*, que desperta a curiosidade do professor, e contando com a ajuda de seu sobrinho *Axel Lindenbrock*, dão início a uma tentativa de decifrar essa enigmática escritura.

Otto depois de algumas tentativas frustradas sai para refletir, por sua vez *Axel* levado pela euforia de descobrir a mensagem continua de onde seu tio parou e observa que lendo a nota traduzida do latim de trás para frente, chega-se como resultado, a uma mensagem que indicava a localização de uma passagem no vulcão *Sneffels* que supostamente possibilitaria

¹⁹ Amos Bronson Alcott (1799 - 1888) foi um filósofo e professor norte-americano.

²⁰ Pierre-Jules Hetzel (1814-1886) editor e escritor francês. Ele editou grandes nomes da literatura francesa como *Honore de Balzac*, *George Sand*, *Alphonse Daudet* e *Victor Hugo* e *Jules Verne*, sendo deste último o responsável pelas ilustrações das *Voyages Extraordinária* (Viagens Extraordinárias).

²¹ Rúnico relativo ao mais antigo alfabeto escandinavo e germânico, constituído dos sinais chamados runas.

chegar ao centro da terra. Mas sabendo do espírito aventureiro de seu tio e sabendo também que ele o arrastaria para essa aventura resolve não contar a recém-descoberta. No entanto, sabia que seu tio *Otto* era obcecado e não descansaria até decifrar a nota do livro e levaria todas da casa a loucura, como já fizera outras vezes.

Axel pesa os prós e contras e resolve contar que decifrou a mensagem. No momento que revelou ao tio como chegara até aquela informação, *Otto* já estava arrumando as malas e aconselha ao sobrinho que faça o mesmo e que mantenha segredo, pois todos os cientistas e estudiosos estavam à procura de uma grande descoberta como esta. No início *Axel* fica relutante, mas é convencido a seguir viagem por sua noiva *Graüben*.

Pouco tempo depois, *Axel* e *Otto* *Lindenbrock* saem de Hamburgo na Alemanha ao encontro dessa grande aventura. Chegam até a Islândia e contratam um guia chamado *Hans* para os guiarem em meio às montanhas e o vulcão, uma vez que este tinha muita experiência e conhecia aquela região. Após todos os preparativos os três saem em direção da cratera que supostamente levá-los-ia ao centro da terra.

Ao chegarem à abertura apontada pela nota de *Saknussemm*, eles se deparam com uma série de túneis que os levaria a um mundo perdido nas profundezas da terra, dando logo início a descida pelos túneis. Em um determinado trecho da viagem os três exploradores se deparam com uma bifurcação, e *Axel* logo aponta o caminho ao qual devem seguir. Escolha essa totalmente errônea uma vez que não chegam a lugar algum o que ocasionou o desgaste físico, o tempo e a baixa nos suprimentos da equipe, em particular a água que começa a ficar escassa a essa altura da viagem.

Chegando novamente na encruzilhada, *Axel* clamava por um misero gole de água, esta que foi dada por seu tio sendo as últimas gotas do seu cantil, com a esperança de que elas renovassem o ânimo de seu sobrinho, no entanto *Axel* tenta novamente convencer seu tio em dar meia volta e voltar para casa, o que causa uma grande revolta a seu tio que não quer voltar, pois já chegaram até ali. Ele olha pra *Hans*, procurando alguma expressão de consentimento, entretanto ele encontrava se indiferente ao embate entre tio e sobrinho.

Mas *Otto* estava irredutível com relação à proposta feita por *Axel*. Eles, no entanto, resolvem descansar por ali mesmo e *Hans*, sai à procura de água, em meia a escuridão do túnel. Passado um tempo o guia volta da busca e aproximando se de *Otto*, e o acorda devagar, trazendo a notícia de que encontrará água a dois quilômetros descendo o túnel. Com isso, os três não demoram a partir, chegando ao local da fonte de água *Hans* faz um pequeno buraco na parede de granito e a água começava a correr através daquele pequeno orifício.

Após saciarem sua sede, dormiram ali mesmo, no outro dia, uma quinta feira, seguiram viagem acompanhando o paredão de granito até chegarem a um poço que tinha uma passagem estreita, que lembrava uma escada em caracol e que parecia ter do sido feita pelo homem. Após alguns dias seguindo aquele caminho os três chegam a uma caverna tão grande que não se podia ver seu fim.

Em meio à vasta caverna, em algum momento Axel acaba se perdendo do guia e de seu tio, fica desesperado ao achar que poderia morrer em uma caverna fria e escura, numa tentativa de se recompor, busca por pegadas, entretanto o chão de granito não deixava marcas e ele volta à “estaca zero” até o momento que perceberá que o paredão de granito ao qual estava próximo produzirá alguma espécie de som, como uma voz que o chamava, percebendo isso Axel pensou que a parede estivesse agindo como uma espécie de fio que conduzia a voz de seu tio e Hans e por meio disso conseguiu se comunicar com os dois. Até se reencontrarem.

Em meio a uma paisagem completamente primitiva, com cogumelos milhares de vezes maiores que os conhecidos pelo homem, plantas e cristais fluorescentes diferentes de tudo que já viram, eles seguiram em frente até encontrarem um grande oceano subterrâneo, e sobre ele haviam luzes que não eram nem do Sol e nem da Lua, mas era como uma aurora que ilumina aquela vastidão de água, também haviam nuvens carregadas e que poderiam desatar a chover.

Após alguns dias de descanso, os viajantes sabiam que teriam de encontrar um meio de atravessar esse oceano para chegarem ao centro da terra, tendo isso em mente o guia construirá uma jangada com uma espécie de madeira que apesar de iniciarem o processo de eletrificação ainda mantinham as capacidades de flutuação e no dia 13 de agosto às 6 horas eles embarcaram em mais uma etapa da viagem.

Em meio ao oceano, Otto, Axel e Hans seguiam suas jornadas, o sobrinho perdido em sua imaginação e em meio a um estado febril, recriar muitas das criaturas pré-históricas que habitará o planeta na antiguidade, de quelônios a pterodátiles, enquanto navegava em meio às águas tranquilas. Entretanto em algum momento da travessia as águas calmas começaram por sacolejar e duas criaturas emergiram das profundezas e começaram a travar uma batalha, eram um ictiossauro e um plessiossauro. Depois de um feroz embate o ictiossauro sai vencedor.

Depois desse momento turbulento as águas voltam a se alcançar e *Hans* sobe ao mastro da jangada, a fim de procurar terra firme, mas ao invés disso ele se depara com uma ilhota que abrigava um esplendoroso gêiser²² no qual o professor Otto dá o nome do sobrinho.

²² Célebre fonte que jorra água, através do contato da água com o magma subterrâneo, o que causa a pressão que impulsiona a água para cima, que é expelida por meio de uma abertura no chão. [NOTA DO AUTOR]

Axel por sua vez documenta tudo em seu diário, não se demoram e voltam para a jangada e continuam a viagem.

No dia 22 de agosto, Axel indica apontando para o alto que uma tempestade está a se formar e que seria melhor tirar a vela, mas é contrariado por seu tio que parecia mais impaciente naquele dia. A tempestade que se formará mais cedo, agora os castiga violentamente, as águas em turbilhão, relâmpagos e trovões despencam sobre eles, uma bola de fogo, formada por meio de reações químicas do ar, surge leva a vela da jangada. A mesma é levada pelas ondas e se arrebenta nos recifes da costa, Axel que tinha apagado após o encontro com a bola de fogo e salvo por Hans e finalmente conseguem atravessar o impetuoso oceano subterrâneo.

Ao chegarem à costa, as bússolas apontavam para a mesma localidade de onde eles haviam partido Axel por sua vez queria ir embora, mas antes que desistissem resolveram explorar mais um pouco a costa e foi quando se depararam com uma enorme planície repleta de ossadas de animais (como um cemitério) quase tão antigas quanto a própria concepção da vida. Otto Lindenbrock em meio à imensidão encontrou um crânio humano e até mesmo um corpo humano perfeitamente preservado, ainda explorando as redondezas chegaram a uma floresta da época terciária na qual *Axel* parecia ter visto criaturas em meio às árvores que pareciam vir de várias espécies do mundo. As criaturas eram mastodontes e humanóides que diferente dos fósseis encontrados logo atrás estavam bem vivos, Otto e seu sobrinho saíram o mais depressa da li.

Não muito distante da floresta *Axel* viu um brilho singular e quando foi verificar encontrou uma adaga, mas não uma arma qualquer, ele encontrará a arma que pertencia a Arne Saknussem que marcará suas iniciais em uma placa de granito.

Em virtude de terem encontrado provas de que Saknussem estivera por ali, resolveram seguir pelo mesmo caminho, no entanto estava bloqueado por uma rocha e *Axel* animado com ideia de atravessar a grande rocha dá a ideia de usar a pólvora para abrir caminho, e foi o que fizeram, armaram tudo e voltaram para a jangada e quando eles ouviram a explosão as águas começaram a se agitar e a correnteza os levava em meio ao túnel aberto como resultado da explosão.

A força que a água escoava por entre o túnel era tão grande que jogava os três homens de um lado para o outro numa velocidade que aumentava gradualmente, o que ocasionou na perda do restante dos suprimentos do grupo. Toda essa tormenta era causada em parte por um bolsão de magma que se encontra logo abaixo deles, o que fez com que a pressão da água em ebulição os conduzisse ainda mais rápido por entre o túnel, que os levou em direção ao topo.

E logo, por meio de uma erupção Axel, Otto e Hans, foram jogados para fora de um vulcão e assim voltaram à superfície, ficaram tentando descobrir onde se encontravam até que foram resgatados por pescadores do mediterrâneo no dia 31 de agosto onde puderam descansar.

No dia 4 de setembro eles embarcaram a bordo do *Volturme* de volta a França. Otto apesar de não alcançar o centro da terra foi reconhecido pelo meio científico como um dos maiores exploradores. É recebido em Hamburgo com uma festa, *Axel* ficou conhecido como o sobrinho do professor e por escrever “*Viagem ao centro da Terra*” que fora traduzida e publicada em diversas línguas por todo o mundo e é claro que ele se casará com Graüben. Quanto a Hans o homem que salvou a vida de Axél mais de uma vez, ele voltou para a Islândia onde um dia o sobrinho do professor prometeu que não morrerá sem ter ido ver lhe mais uma vez.

4.2 VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS (FRAGMENTO)

Eram 1866, quando o medo se instalou nos oceanos, pois navios de todo o mundo começaram a naufragar e a sofrer avarias misteriosas, causadas por uma coisa descrita como tendo um tamanho colossal, muito maior e mais forte que uma baleia. Governantes e homens das ciências desconheciam qualquer ser vivo que possuísse tais características, devido a essa razão várias teorias foram criadas e espalhadas pelos jornais da época, havia hipóteses de que a criatura fosse uma embarcação submersa ou uma antiga criatura mítica como o Kraken ou até mesmo a tão temida baleia branca²³.

De todas as hipóteses discutidas a mais convincente era a existência de uma criatura marinha que ainda não havia sido catalogada. Em virtude disso é organizada, pelas autoridades, uma expedição a fim de livrar os oceanos da suposta criatura marinha. Assim sendo, a fragata *Abraham Lincoln* sobre o comando do capitão Farragut é enviada ao mar para essa honrosa missão. Ainda fazia parte da tripulação o canadense Ned Land, que é um exímio arpoador, o francês Pierre Aronnax, professor do museu de Paris e também um ictiólogo²⁴ e naturalista e por fim Conselho seu criado.

Em meio ao mar o capitão do navio oferece uma recompensa para o marujo que primeiro avistar o monstro, o que deixa a maior parte dos marinheiros atentos ao horizonte na expectativa de encontrar a feroz criatura. O Professor Aronnax que se juntou a expedição a

²³ Referência a *Moby Dick*, um romance de Herman Melville, publicado em 1851, que narra a perseguição do fanático capitão Ahab, em busca de vingança contra a baleia branca que devorara sua perna no passado. [NOTA DO AUTOR]

²⁴ De *Ictiologia*; parte da zoologia que trata dos estudos dos peixes.

pedido de sua embaixada e pela curiosidade de conhecer e catalogar um novo espécime tem interessantes debates com *Land* acerca do que seria a misteriosa criatura, este por sua vez não acreditar ser um animal, pois em suas vigem como caçador de baleia nunca encontrara ou avistara algo do gênero, no entanto o professor discute a possibilidade de estarem lidando com um narval e Ned Land mesmo questionando passa a aceitar a pressuposição do Professor Aronnax.

A fragata por sua vez navegara por meses a fio sem encontrar uma única pista do paradeiro de tal criatura e a tripulação começar por desanimar. Mas Ned Land no dia 05 de novembro de 1867, avista uma silhueta escura sob as águas na qual julga ser a tão caçada criatura, a tripulação entra em posição, a fim de abater a fera, mas ela avança sobre o navio o que faz com que o capitão desse a ordem de recuar. Passado esse momento, tem se início a uma perseguição da fragata contra o monstro marinho, no entanto a criatura era extremamente veloz e nem alcançando a velocidade máxima possível o navio não conseguia acompanhar a impetuosa presa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da nossa pesquisa vínhamos apontando as relações e articulações que a ficção científica traças com o homem desde os seus primórdios, quando ainda não se tinha uma definição e ate mesmo um termo claro para denominar esse gênero, relacionamos também como a obra prima de Shelley contribuiu para a formação da fc, passando por Verne e Wells que consolidaram e abriram espaço para a sci-fi como conhecemos hoje.

Ao final do exposto, e, tendo claro todas as discussões teóricas, assim como as definições aqui expostas, entendemos dessa forma que a leitura das obras de Jules Verne, não só as discriminadas aqui, mas as de todos os tipos, não terminam ao final do livro, a leitura permanece viva ficando internalizada no interior de quem lê, desse modo tomamos a essas leituras antes de tudo como um ato de prazer, dessa forma a leitura dos textos literários tem por finalidade, mais superficiais, emocionar, divertir, garantir a aquisição de um mundo imaginário gratuito, mas não fica apenas nisso, pois também possui um caráter humanizador da mesma forma como aponta Antonio Candido em “O direito à literatura” (1995), no qual ele afirma:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, por que pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

A partir das observações feitas, percebemos que a ficção científica de Verne pode sim propiciar um terreno favorável a leitura literária e a formação de novos leitores, que era o nosso principal objetivo, pois devido as características do gênero está aberto às inúmeras leituras, permitindo várias interpretações, isso proporciona não só o aprimoramento da leitura, como também, ao entendermos que o texto transforma o imaginário do leitor, assim como, permite a emersão no campo do simbólico, isso em conjunto com uma carga de elementos linguísticos, permite que a leitura que é uma ferramenta tão importante para os dias atuais (assim como foi no passado), seja realizada com maior nível de profundidade e criticidade, formando assim leitores mais competentes que fará a mudança na nossa sociedade atual.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, L. David. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus Editorial, 1974.
- AZEVEDO, Leonardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura**. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo, DCL, 2004.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. Ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p.408
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CÂNDIDO, Antônio. “**O direito a literatura**”. In: **Vários escritos**. São Paulo Duas Cidades, 2006.
- CARNEIRO, André (1967). **Introdução ao estudo da “sciencefiction”**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/171980193/Andre-Carneiro-Introducao-ao-Estudo-da-Science-Fiction> Acessado em: 10 de maio de 2019
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- LAJOLO, M. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.
- _____, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- LEONARDO, Edivaldo Marcondes. **A ficção científica no Brasil nas décadas de 60 e 70 e Fausto Cunha**. Campinas, SP: [s.n.], 2007.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. P. 95
- MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Júlio Verne - Um precursor da ficção científica**, 2005. Portal do AstrônomoVintage (<http://portaldoastronomo.org>) Página da Internet Disponível em: <http://vintage.portaldoastronomo.org/tema.php?id=23> acessado em: 27 de Maio de 2019
- OLIVEIRA, Fátima Régis. **A ficção científica e a questão da subjetividade homem-máquina**. ComCiência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico (<http://comciencia.com.br>) Página da Internet. Disponível em: <http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/2004/10/08.shtml> Acessado em: 18 de junho de 2019
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Apresentação de Augusto de Campos. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11º ed. Ed. Cultrix, São Paulo. 2006. 220 p.

ROBERTS, Adam. **A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas**. Tradução Mário Molina. – São Paulo: Seoman, 2018. P. 703

_____. Adam, *Science Fiction: The new critical idiom*. London: Routledge, 2002. p. 216.

ROCCO, Maria Tereza Fraga. **Literatura e ensino: uma problemática**. São Paulo: Ática, 1992.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2º. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VERNE, Jules. **VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**. Edição comentada e ilustrada; ilustração Édouard Riou; tradução, apresentação e notas Jorge Bastos. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

_____. **Vinte Mil Léguas Submarinas**; tradução Andre Telles. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ZANETIC, João. **Física ainda é cultura!** In: MARTINS, André Ferrer P. (org.). **Física ainda é cultura?** São Paulo: Livraria da Física, 2009.

ZAPPONE, M. H. Y. **Fanfics: um caso de letramento literário na cibercultura?** Letras de hoje. Porto Alegre. 43 (2). Abr/Jun, 2008.

Vídeos e documentários:

Discovery Channell Brasil - Viagem ao Centro da Terra (Dublado) publicado em 14 de maio de 2018 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oGvhHLdoNpk> Acessado em: 15 de maio de 2019